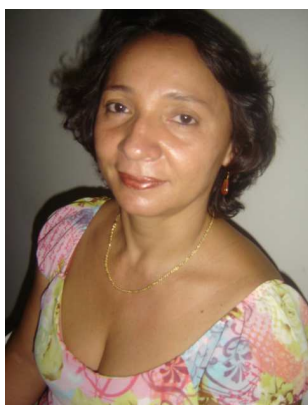


Entrevista realizada por Júlio Américo a Edineide Jezine



Edineide Jezine é Pedagoga e docente da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Iniciou sua vida profissional como educadora numa escola pública municipal, em Manaus, e no ensino superior, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em 1991. Em sua história, competência profissional, compromisso social e opções político-ideológicas estiveram associadas à sua práxis enquanto educadora. Ela nos conta: “Ainda jovem, participei dos movimentos religiosos da Igreja Católica e das experiências das Comunidades de Base, em grupos de jovens. Como aluna de Pedagogia e profissional da Educação, sempre estive envolvida nos movimentos em defesa da educação pública, da Amazônia, da participação popular e da democratização das relações sociais, e contra as obras do poder que viessem a usurpar o direito dos trabalhadores, de modo que a vivência social me fez perceber a necessidade de opção de classe”.

Ao ingressar na UFAM, como docente, optou pelo trabalho extensionista, participando do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular – NEPE, onde desenvolveu projetos integrados de educação em diversos municípios do interior do Estado do Amazonas, nas áreas de formação de educadores, processos de alfabetização, organização de comunidades, além de cursos diversos para educadores populares.

Atualmente, com 16 anos de universidade pública, a Professora Doutora está lotada no Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação da UFPB, onde ministra as disciplinas de Didática e Avaliação da Aprendizagem, orienta monografias e participa em bancas de concursos e outras comissões. Na entrevista concedida à Revista Eletrônica Extensão Cidadã, Edineide Jezine nos fala de sua experiência na extensão universitária, enfocando a prática da extensão, conceituações relacionadas, o papel da universidade pública, aspectos políticos envolvidos e, principalmente, o potencial de transformação da conjuntura da universidade pública como promotora de participação e construção coletiva.

Extensão Cidadã – Que motivações a fizeram despertar para o trabalho com extensão?

Edineide Jezine – A necessidade de relacionar teoria e prática, pois como professora do curso de Pedagogia, percebia que os conteúdos ministrados eram soltos, sem integração com a realidade educativa e social. Além disso, buscava desenvolver a idéia, junto aos alunos, de compromisso social do educador, de modo que percebia que essa concepção pedagógica tomava forma nas ações concretas e nas práticas extensionistas realizadas junto às comunidades ribeirinhas, interioranas e urbanas de Manaus. Assim, à medida que buscava estabelecer relações entre teoria e prática, percebia cada vez mais sua distância, como também a forma desvalorizada que tinha o trabalho e as pessoas que faziam extensão universitária. O valor maior era dado às atividades de pesquisa, gerando muitas indagações acerca da importância desta função nas universidades públicas, o que me conduziu a estudar os fundamentos teóricos e práticos da Extensão Universitária.

Extensão Cidadã – A partir de sua experiência, como definiria a extensão universitária?

Edineide Jezine – A extensão é uma atividade precípua da universidade com a função social-acadêmica de integração da relação teoria e prática, ensino e pesquisa, universidade e sociedade.

Extensão Cidadã – Como você vê a relação entre extensão e cidadania? Existe uma extensão Cidadã?

Edineide Jezine – Atualmente, o conceito de cidadania tem sofrido várias significações e apropriações. Usa-se o termo como jargão da participação nas diversas instâncias políticas da sociedade civil,

escondendo-lhe o elemento da conquista do direito, da conscientização política e, principalmente, da organização social, de forma que cidadania se confunde, em alguns casos, com "benefícios sociais". Contudo, se entendemos cidadania como a conquista do direito à participação, gerada por um processo de conscientização e organização social, podemos dizer que existe relação entre extensão e cidadania, e podemos pensar e fazer uma extensão cidadã, pois a extensão carrega na essência de suas práticas a dimensão educativa da conscientização, participação e organização social. A extensão não é meramente uma atividade de transmissão de informações técnicas e/ou acadêmicas, ou mesmo uma prática de pesquisa na qual o pesquisador coleta os dados e se afasta do objeto investigado para realizar a análise. A extensão universitária envolve um movimento dialético de troca de saberes em que os resultados devem convergir para a emancipação dos sujeitos. Portanto, a Extensão Cidadã se diferencia ao fazer uma opção social e política, constituindo-se em uma práxis social.

Extensão Cidadã – Qual o papel da extensão na mudança de consciência dos estudantes e da comunidade no que diz respeito às questões sociais e à consciência política?

Edineide Jezine – A extensão, como uma práxis social, é uma atividade concreta da ação docente-discente, capaz de conduzir à saída da universidade do seu encaustelamento e estabelecer a relação teoria e prática tão ensejada pela ciência moderna. Os docentes que optam pelo trabalho de extensão e os discentes que tem oportunidade de participação constroem uma concepção diferenciada de universidade e sociedade. A dimensão da socialização do conhecimento se efetiva nas práticas extensionistas e nelas se constrói a utopia da transformação social. O trabalho de extensão amplia os horizontes da participação e dos processos democráticos, exigindo um trabalho de grupo, desde o planejamento, a execução e a avaliação das atividades, de modo que, nesse processo educativo, a formação humana e profissional ocorre pautada na solidariedade, na troca de saberes e no comprometimento com a mudança social, incidindo um processo de aprendizagem significativa para docentes, discentes e comunidade.

Extensão Cidadã – Não raramente, a troca de conhecimento, experiências e saberes entre universidade e comunidade, própria na prática extensionista, é substituída por uma práxis que tende a reduzir a extensão à aplicação do conhecimento acadêmico, prestação de serviços ou simplesmente assistencialismo. Como avalia esta questão e o que fazer para prevenir a reprodução dessa realidade na prática da extensão?

Edineide Jezine – A extensão universitária pode constituir-se de várias práticas sociais; as que possuem uma dimensão assistencialista, mercantilista ou acadêmica, como eu as descrevo e analiso na tese de doutoramento "A crise da universidade e o compromisso social da extensão universitária". Portanto, dependendo do tipo de extensão que se faz, podemos conduzir a formação discente para práticas meramente assistencialistas, em que não há um envolvimento orgânico entre estudantes e comunidade, não se efetivando transformação humana e social; para uma formação técnica, mercadológica, com base na prestação de serviços técnicos em que se gera apenas uma relação de venda entre o produto e o cliente; ou, ao contrário destas, para a dimensão acadêmica, defendida pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras, em que a perspectiva é a emancipação, de modo que docentes, discentes e comunidade, ao analisarem a realidade, sensibilizam-se, conscientizam-se e a transformam, gerando um compromisso com a mudança social. Nesta concepção, os projetos emanam da comunidade, da realidade concreta e a ela retornam em forma de críticas e proposições. Contudo, a forma como tais práticas são conduzidas relaciona-se à concepção de sujeito, educação, universidade e sociedade que os envolvidos, no projeto, possuem, indicando o percurso teórico-metodológico e o compromisso social-político. Mas, além disso, os projetos de extensão são muito mais definidos por políticas externas e internas de financiamento do que por concepções ideológicas, culminando com o processo de privatização pelo qual passam as universidades públicas brasileiras, transformando a prestação de serviços sociais, antes assistenciais, em venda de serviços. Nesse contexto, a problemática que se impõe é a do papel social da universidade e da extensão universitária ante as formas de globalização e mercadorização do seu produto. Algumas formas de superação vêm sendo construídas pelo Fórum, a partir da elaboração de políticas, princípios, estrutura, metodologias e avaliação para a extensão universitária, a fim de oferecer fundamentos filosóficos, sociológicos e metodológicos à extensão universitária como produtora e socializadora de conhecimentos científicos. Seguindo esse objetivo, as universidades públicas, vem desenvolvendo o processo de inclusão da extensão como componente curricular dos cursos acadêmicos, de modo a oportunizar aos alunos conhecerem o que é extensão universitária, terem contato com as práticas sociais e, assim, elaborarem trabalhos acadêmicos mais voltados para as questões sociais. Essas e outras são iniciativas tomadas a fim de conduzir as

práticas de extensão à dimensão acadêmica, compreendendo que os conhecimentos produzidos nas universidades devem ter como principal foco a promoção da cidadania, em um processo educativo, cultural e científico.

Extensão Cidadã – A seu ver, o que deveria mudar nas gestões das universidades públicas, no que diz respeito à extensão?

Edineide Jezine – A política de gestão das universidades públicas não depende apenas do Reitor e dos seus Pró-reitores, mas das políticas de ensino superior traçadas pelos governos vigentes. Historicamente, a extensão sempre foi tratada como a terceira função da universidade, como uma atividade desqualificada do ponto de vista da produção do conhecimento. É preciso rever essa visão, não apenas na elaboração das políticas, mas nas ações de financiamento para extensão, reconhecendo a importância de sua produção para a formação dos profissionais e para sociedade.

Extensão Cidadã – Quais as maiores dificuldades que apontaria como obstáculos para a prática da extensão aqui na UFPB?

Edineide Jezine – A principal dificuldade da extensão, não apenas da UFPB, mas das universidades públicas, é a falta de financiamento e valorização da extensão universitária. Aqui na UFPB, essa dificuldade tem seu reflexo no valor das bolsas de extensão, no próprio discurso do Reitor que, ao falar da universidade, cita apenas a pesquisa e pouco se refere ao trabalho exaustivo e produtivo, com poucos recursos, da extensão universitária. Desse modo, o trabalho da extensão precisa ter visibilidade, o que indica um outro ponto frágil da extensão: observa-se pouca divulgação dos trabalhos de extensão, tanto no interior como no exterior da universidade. Isso se torna mais grave em alguns centros, a partir dos assessores de extensão, que tornam a extensão universitária, em seu local de assessoria, uma atividade apagada, sem muita expressão e importância, é preciso alastrar a extensão em suas práticas e resultados.

Extensão Cidadã – Os seus trabalhos de mestrado e doutorado, publicados pela Editora Universitária, abordam a temática da extensão. Poderia, resumidamente, nos falar do que tratam, especificamente, e qual a contribuição deles para o aperfeiçoamento da prática da extensão?

Edineide Jezine – O trabalho de mestrado, que resultou no livro “Universidade e Saber Popular. O sonho possível”, publicado em 2002, aborda a problemática da relação universidade e sociedade a partir da dualidade saber científico e saber popular, que passou a constituir o cerne da universidade moderna. Essa temática, na época do estudo (1994 a 1997), tornou-se um desafio pois se apregoava, no discurso acadêmico, a decadência dos movimentos sociais populares em sua ação e dinamismo, e a pesquisa mostra que, ao contrário da teoria, os movimentos estavam mais vivos do que antes, buscavam estratégias de renovação em seu que fazer, encontrando na parceria com a universidade, alternativas de reflexão e ação para suas proposições, o que anuncia esperança na força dos movimentos sociais e na extensão universitária, a partir da troca de saberes. A temática do segundo livro, “A crise da Universidade e o Compromisso Social da Extensão Universitária”, situa-se em tempos de políticas neoliberais, reforma do estado e sociedade globalizada, no contexto de privatização das universidades públicas, principalmente as federais, em que se anuncia a “ruína”, o “naufrágio” e “a crise” das universidades. Na minha análise, ao lançar mão da história, demonstro que a crise é inerente à universidade, pois esta em sua autonomia sempre viveu ameaçada, desde sua origem na Idade Média, quando nasce nas corporações de mestres, nas escolas catedráticas da Igreja e se desenvolve no seio da burguesia feudal, como também a partir dos estados modernos e atualmente, vem sendo cerceada pelo mercado, que busca direcionar o seu produto. Nesse embate político-ideológico de classe e interesses, nasce a extensão universitária como uma função da universidade que vem para atender as demandas sociais e o pragmatismo requerido pela sociedade do capital. Assim, traço uma historicização da extensão universitária em suas concepções, práticas e políticas formuladas pelo Fórum Nacional de Pró-reitores das Universidades Públicas Brasileiras, buscando apreender a relação universidade e sociedade, extensão e venda de serviços, demonstrando que a universidade pública continuará existindo como foco de luta e disputa social.

Extensão Cidadã – Algum fato marcou mais profundamente a sua história na extensão?

Edineide Jezine – Sim, lembro de um olhar de um alfabetizando, em Carauari, no interior do Amazonas. Quando comecei a coordenar um projeto de formação de educadores, e em muitas oportunidades, visitava as salas de alfabetização. Em uma das primeiras visitas, dei-me conta do seu olhar baixo e envergonhado, mas a medida que começava a ler e escrever, levantava a cabeça e o olhar, então percebi a grandeza do trabalho extensionista, pois a leitura do mundo e da palavra ofereceu-lhe a oportunidade de ver o mundo sob seu próprio prisma, garantindo-lhe autonomia, liberdade, tornando-o um sujeito emancipado.

Extensão Cidadã – O que diria para aqueles que hoje desejam trabalhar com extensão universitária?

Edineide Jezine – Que se envolvam de corpo e alma, pois a prática e o estudo acerca da extensão é envolvente e apaixonante. Nela, nos descobrimos como sujeitos ativos, capazes de gerar mudanças significativas nos processos educativos. Fazer extensão é construir novos olhares e novos mundos. Acredito que esse é o papel social da universidade.

SOBRE A ENTREVISTADA

Edineide Jezine é Pedagoga, Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFAM), Mestre em Educação Popular (UFPB) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi docente da Universidade Federal do Amazonas (1991 – 2003), desenvolvendo atividades no ensino de Graduação e Pós-graduação, na Extensão e Pesquisa. É docente da UFPB desde 2003, atualmente lotada no Departamento de Metodologia da Educação, do Centro de Educação, ministrando as disciplinas de Didática e Avaliação da Aprendizagem, orientando monografias e tendo participação em bancas de concurso e outras comissões. É credenciada no PPGE/UFPB, ministrando disciplinas nas áreas de Fundamentos da Educação Popular e Movimentos Sociais; coordenadora da linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais e participante da linha de pesquisa Fundamentos e Processos em Educação Popular. Teve publicado o livro “Universidade e Saber Popular. O sonho possível” (UFPB, 2002); “A crise da Universidade e o Compromisso Social da Extensão Universitária” (UFPB, 2006); “Educação Superior Brasileira 1991-2004” (INEP, 2006) e participação com texto nos livros “Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina” (Brasília, UnB, 2001), e “Educação Popular e Movimentos Sociais” (UFPB, 2006) e nas coletâneas “Reconhecer diferenças, construir resultados” (Brasília, UNESCO, 2004) e “Navegar é preciso... transformar é possível” (Rio de Janeiro, UFRJ, 2005) e teve publicado os textos: “Universidade e suas relações” (Cadernos de Educação Popular, UFPB, 1995); “A Extensão e a possibilidade da troca de saberes: uma leitura a partir de Gramsci” (Revista de Extensão, UFPB, 1997); “Multiversidade e Extensão Universitária” (Revista Participação, UnB, 2001). Além das inúmeras participações em eventos com a publicação de resumo e texto completo em anais, em que se destaca dentre os locais (EPENN, 1995, 1997, 1999, 2003, 2005), nacionais ENDIPE (2006); 28ª e 29ª. Reunião Anual da ANPEd, (2005, 2006); Congresso Nacional de Educação (1996, 1997), Anpae (2003); Colóquio sobre Currículo (2003, 2005); Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (2002, 2003, 2006) e internacionais em países como Cuba (1997) e Portugal (2000); Congresso Ibero-americano de Extensão Universitária, São Paulo (2001) e Rio de Janeiro (2005).

Contatos:

Edineide Jezine

Telefones: (83) 3255 0023 / 8855 0563

Email: edjezine@hotmail.com